

## Interrogar com *dar* e *fazer*

Ana Bela Afonso

E. S. S<sup>ra</sup>. Maria Maior - Viana do Castelo

Pretendemos, no quadro da Teoria Formal Enunciativa, estudar a delimitação dos campos semânticos de *dar* e *fazer* SN, num contexto de pergunta/resposta, circunscrito a um grupo restrito de construções. Fundamentamo-nos sobretudo em Culioli (1990); Campos (1998); Campos (1999); Campos (2001); Correia (2002) e Correia & Campos (2003) e partimos das propostas que, neste último trabalho, são defendidas quer para a regularidade de funcionamento de *dar/fazer* como verbos lexicais e verbos suporte, quer ainda para a definição da forma esquemática (FE) dos verbos.

Ao interrogar com *dar/fazer*, procedemos a uma manipulação da qual resultou a verificação de dois tipos de combinações:

1. com construções cujo uso é compatível com a forma interrogativa e em que *dar/fazer* ocorrem como verbos suporte ou lexicais;

2. com construções que não co-ocorrem com a interrogação ou só apresentam compatibilidade com um determinado tipo de interrogação: interrogativa retórica ou interrogativa com valor de pedido de confirmação.

### **1. Construções em que *dar/fazer* ocorrem como verbos suporte ou lexicais, compatíveis com a forma interrogativa.**

Admitimos que para a ampla diversidade que caracteriza o valor semântico de *dar* e *fazer* contribui, não só a variação do respectivo contexto de ocorrência, referido em Correia & Campos (2003), como ainda, numa situação enunciativa contextualizada no par pergunta/resposta, a interpretação que enunciador e co-enunciador constroem do verbo - como verbo lexical ou suporte.

#### **1.1 interrogar/responder com *dar***

Nos exemplos:

(1) A: O que deu o João à Maria?

B1: O João deu um livro à Maria.

B2: (\*) O João deu-lhe cabo da paciência.

podemos verificar que o enunciado (1) A é uma interrogativa parcial definida, em Campos (1998), como *uma interrogativa que marca a construção de uma classe aberta de valores abstractos que podem instanciar o lugar vazio de argumento na relação predicativa não saturada*, neste exemplo <o João dar ( ) à Maria>, *construída na enunciação*.

Subjacente à enunciação de 1.A está ainda o percurso da classe de valores, sem selecção, sendo o morfema interrogativo 'o que' a imagem ou representante dessa classe e do seu percurso (idem, ibidem). Ora 'O que deu o João à Maria?' admite como resposta bem formada 1. B1 uma vez que, no enunciado assertivo, *dar* é um verbo lexical, apresentando a construção o funcionamento pretendido na interrogativa: o funcionamento discreto com validação do argumento objecto directo (OD).

Se fundamentarmos o nosso estudo em critérios estritamente morfo-sintácticos, o exemplo 1.B2 não é considerado bem formado, uma vez que o morfema interrogativo 'o que' requer, no enunciado assertivo, a validação de um SN com restrições morfo-sintácticas, restrições que decorrem do uso do funcionamento discreto do predicado, podendo neste caso ser, entre outras possibilidades, alterada a formatação quantitativa do argumento ('o João deu um/uns/o/os/livro(s) à Maria'); o verbo poderá ser passivado ('um livro foi dado pelo João à Maria'); ou poderá fazer-se manipulações sobre o argumento ('o João deu um livro caríssimo à Maria').

Ora, dado o funcionamento compacto de *dar* na sequência 'O João deu-lhe cabo da paciência', nenhuma destas possibilidades é viável em 1. B2, pelo que se verifica a agramaticalidade desta resposta. Mas da nossa competência de falantes-ouvintes, sabemos como não raro ocorre este tipo de situações, em que determinada sequência, apesar de não resultar de regras de boa formação é, não obstante, admitida como resposta válida.

Que operações fundamentarão, então, este 'jogo' enunciativo?

De facto, a sequência 'O João deu-lhe cabo da paciência' não poderá ser aceite como uma verdadeira resposta, já que o funcionamento compacto do predicado não é o valor que a interrogativa pretende como validado. Mas a ocorrência de 1.B2 pode corresponder a um valor semântico negativo, decorrente do resultado de uma operação de percurso. O coenunciador, instituído como segundo enunciador, pretende, conforme referido em Campos (1998), *individuar uma das ocorrências, aquela sobre a qual se pode predicar* (neste exemplo <o João dar ( ) à Maria>).

Todas as ocorrências da classe são percorridas, e na impossibilidade de ser distinguido um SN que instancie positivamente o lugar vazio da relação predicativa, há uma passagem para o Exterior (E) do domínio. Este valor negativo é traduzido lexicalmente, em 1.B2, não numa sequência negativa bem formada (p. ex.: 'o João não deu nada à Maria'), mas num 'jogo enunciativo' que permite interpretar um valor irónico decorrente do valor de rejeição, por parte do segundo enunciador, do funcionamento discreto que a interrogativa postula, optando assim pelo funcionamento compacto do predicado.

Deste modo, 1.B2 O João deu-lhe cabo da paciência poderá, na actividade enunciativa, ser aceite como resposta, sem estranheza face à sua formação, podendo neste caso ser interpretado e glosado como 'O João não lhe deu nada (valor negativo), o que ele lhe deu (valor irónico, equivalente à sequência bem formada 'o que ele fez', por exemplo), foi dar-lhe cabo da paciência'.

## 1.2 interrogar/responder com *fazer*

Tal como acontece com *dar*, em interrogativas parciais com *fazer* em que o SN objecto corresponde ao argumento que está por validar, verifica-se não só a importância do ajustamento/não ajustamento dos diversos valores nocionais que enunciador e co-enunciador atribuem ao predicado, como também a importância do estudo das operações e propriedades subjacentes à pergunta e à resposta que o jogo enunciativo torna lexicalmente realizáveis e que são determinantes até para o valor que a interrogação apresenta.

Tomemos as seguintes trocas enunciativas:

(2) A: o que é que ela faz?

B1: ela é professora.

B2: \* ela é uma professora

B3: ela é uma professora...

B4: ela faz doces sempre que os filhos estão doentes.

Tomando o par 2. A/ 2. B1, parece-nos que *fazer* adquire, na forma interrogativa, algumas especificidades que importa referir. De facto, se 2.A equivale semanticamente à interrogativa “o que é que faz/é profissionalmente?”, a única resposta que do conjunto funciona como adequada será, 2. B1: ela é professora.

Este valor típico só é possível se a interrogativa for marca de um pré-construído do qual se conclui que “existe algo que ela faz profissionalmente”. O coenunciador precisará desta pré-orientação para, face à totalidade do vasto domínio nocional de *fazer*, imprimir, na resposta, uma recategorização que corresponde à construção de um valor não discreto do predicado (portanto sem ocorrência de quantificação, mas antes de qualificação).

Assim, a validação do argumento vazio – ‘fazer ( )’, já delimitada qualitativamente no pré-construído, não vai permitir, na resposta, a ocorrência de qualquer suporte quantitativo, pelo que resulta, em 2. B1, a escolha de um outro predicado – ‘é professora’, cujas propriedades semânticas são compatíveis com o funcionamento pretendido: o funcionamento não discreto (compacto).

Em termos nocionais, o domínio a que se refere o funcionamento do predicado ‘ser professora’, é estruturado pela definição da ocorrência em relação à noção – X ser ou não ser professora. Ao percorrer as ocorrências do domínio, a sua validação é-nos dada pela totalidade do domínio e não pela distinção de qualquer dos elementos da classe. Trata-se de um percurso liso em que o domínio é topologicamente estruturado como uma zona em que tudo o que lhe é exterior é a sua negação: ou ‘é professora’, ou ‘não é professora’. Este facto justifica o carácter intrinsecamente qualitativo do funcionamento do predicado e, conseqüentemente, a agramaticalidade de 2. B2: \* ela é uma professora, como resposta a 2. A: o que é que ela faz?.

Mas se ‘ela é uma professora’ for marcado prosodicamente e poder, tal como acontece em B.3 ser glosado como ‘ela é uma professora como eu nunca vi/como já não há’, então poderemos considerar B.3 como resposta aceitável a 2. A. Ora, dada a impossibilidade de enumeração que, como vimos, caracteriza o funcionamento deste predicado, importa descrever este valor do determinante ‘uma’. Recorremos a Correia (2002) para refe-

rir que o determinante funciona como um falso discretizador, não sendo marcador de quantidade, mas antes de qualidade, já que sobre a propriedade ('ser professora'), se predica o seu grau máximo de intensidade. Para isso, como defendem Correia & Campos (2003), *constrói-se uma ocorrência singular [...] marcada linguisticamente pelo determinante indefinido. Sobre essa ocorrência predica-se uma propriedade diferencial que distingue a ocorrência construída [...] de toda e qualquer outra ocorrência. A predicação dessa propriedade diferencial [...] corresponde à sua identificação com uma ocorrência localizadora, única [...], expressão de um valor de intensidade máxima, o alto-grau – neste caso, 'uma professora como não há outra'.*

O par

(2) A: o que é que ela faz?

B4: ela faz doces sempre que os filhos estão doentes

remete-nos para o problema ajustamento/não ajustamento dos diversos valores nocionais que enunciador e coenunciador atribuem ao predicado. Os diferentes valores de *fazer*, construídos na e pela enunciação, determinam as propriedades semânticas que definem as noções subjacentes a cada uma das ocorrências do verbo *fazer* e que nem sempre são coincidentes para enunciador e coenunciador.

Ao construir-se 2. B4 como resposta a 2. A, então, o valor semântico atribuído pelo segundo enunciador a *fazer* na interrogativa, não tem o mesmo valor descrito no exemplo anterior e glosado como 'o que é que ela faz profissionalmente?'.  
Neste caso,

(2) A: o que é que ela faz?

B4: ela faz doces sempre que os filhos estão doentes.

a interrogação é interpretada como uma operação com incidência sobre uma relação predicativa em que o argumento a validar corresponde, na asserção, a um N discreto. Este facto permite-nos concluir, conforme Campos (1999) que, *se a sequencialidade das formas é uma das características da produção linguística, no encadeamento das unidades a construção da significação do enunciado caracteriza-se, por seu lado, pela não linearidade dos significados associados a essas unidades.*

Nesta resposta (2. B4), para além do funcionamento discreto do predicado, um outro fenómeno linguístico é evidente: a interdependência da determinação verbal e da determinação nominal. A pluralidade do SN e a ocorrência do determinante  $\emptyset$  (que não permite uma extracção de um acontecimento único) determinam que *fazer* possa ser compatível com um valor durativo, por sua vez reforçado pela iteratividade do valor aspectual de *sempre*.

Tendo ainda em conta o funcionamento discreto do predicado na resposta a 2. A, poderemos atribuir à interrogativa um outro valor. Se o SN 'doces', numa enunciação anterior, tivesse sido já validado, a interrogação funcionaria então como um 'eco', processo para desencadear a repetição de uma enunciação anterior e assim permitir recuperar a identificação e a revalidação do SN, como na situação:

- ela faz doces sempre que os filhos estão doentes.
- o que é que ela faz (sempre que os filhos estão doentes)?
- ela faz doces

### 1.3 interrogar/responder com *dar* e *fazer*

#### 1.3.1 na asserção

Podemos afirmar que em enunciados assertivos, *dar/fazer* são **verbos lexicais** quando ocorrem em enunciados com funcionamento discreto (p. ex.: ‘dar um livro’; ‘fazer um bolo’) apresentando restrições morfo-sintácticas específicas: o verbo pode ser passivado e o argumento pode sofrer alterações (p. ex.: a alteração da enumeração).

Se *dar/fazer* funcionarem como **verbos suporte**, estas restrições já não são exactamente observáveis.

Se o funcionamento for compacto (p. ex.: ‘dar valor’, ‘fazer fé’) não é admitido qualquer tipo de formatação, tal como é defendido em Correia (2002): *Os nomes compactos [...] definem-se topologicamente, como uma zona fechada, em que tudo o que lhes é exterior é a sua negação [...] necessitam, para serem discretizados, de um gradiente que funciona como um falso discretizador. Note-se que estes fulsos discretizadores têm um valor essencialmente qualitativo, sendo por isso marcadores de grau e não de quantidade”*.

Se o funcionamento de *dar/fazer* for denso (p. ex.: ‘dar passeios’; ‘fazer dinheiro’), a formatação é, ao contrário dos discretos, uma formatação extrínseca, apesar de, no argumento, a forma dos determinantes utilizados ser morfologicamente semelhante aos utilizados com os nominais discretos. Sendo *um denso um nominal instável* (Correia, 2002) recorre-se, segundo a mesma autora, *a um suporte situacional, para que seja possível uma enumeração, ou a pluralização desses nominais* (idem, ibidem): ‘dar um/uns passeio(s) todos os dias faz bem’; ‘fazer um/uns dinheiro(s) jeitoso(s) no negócio’).

#### 1.3.2 na interrogação

Em interrogativas parciais com *dar/fazer*, em que o SN objecto corresponde ao argumento que está por validar, verifica-se que, quando existe formatação compacta, nem todos os enunciados assertivos com *dar/fazer* servem de resposta às interrogativas correspondentes com *dar*.

Para uma caracterização mais rigorosa do funcionamento das expressões com *dar/fazer* SN no contexto interrogativo, a representação metalinguística da FE comum – X*dar/fazer* Y (a Z) – parece ser um instrumento fundamental.

No contexto interrogativo, se houver discretização, o par/pergunta resposta incide sobre o argumento, parecendo ser indiferente o verbo ser *dar* ou *fazer*:

(3) A: O que é que X deu?

B: X deu um livro

(4) A: O que é que X fez?

B: X fez um bolo

Nestes casos, o enunciado é validado a partir da instanciação do lugar vazio. A validação incide sobre o argumento OD:

X deu ( )

( ) X deu?

Mas sendo a formatação compacta, a ocorrência de *fazer*, na pergunta, parece ser obrigatória, dado o sentido de estranheza que resulta do uso com *dar*:

(3) A: O que é que X deu?

B': \*X deu passeios muito bonitos.

B'': \*X fez muito dinheiro no negócio.

(4) A: O que é que X fez?

B': X deu passeios muito bonitos.

B'': X fez muito dinheiro no negócio.

Nestes casos, a validação recai, não sobre o argumento, mas sobre toda a predicação, exceptuando o sujeito sintáctico que permanece. Decorre do morfema interrogativo 'o que?' ligado a *fazer*, que a variável seja substituída por V+OD (toda a predicação) e não só sobre o V. Em comparação com o verbo *dar*, o verbo *fazer* parece por isso apresentar uma maior plasticidade, incidindo, na resposta sobre um universo sintáctico-semântico mais extenso - toda a predicação.

Desta constatação, parece portanto resultar que, no contexto interrogativo, a validação do argumento só é feita para funcionamentos discretos de *dar* e *fazer* e que, no caso de funcionamentos não discretos, a validação recai, não no argumento OD, mas em toda a predicação (com excepção, como vimos, do sujeito sintáctico que permanece).

## **2. Construções com *dar/fazer* que não co-ocorrem com a interrogação ou só apresentam compatibilidade com um determinado tipo de interrogação: interrogativa retórica ou interrogativa com valor de pedido de confirmação**

Outra característica do funcionamento de *dar/fazer* prende-se com o funcionamento compacto que apresentam, quando em co-ocorrência com expressões fixas como 'fazer cada uma', 'fazer das boas', 'fazer uns olhos', 'não dar uma para a caixa', etc.. Na forma interrogativa, estas construções tornam-se agramaticais: 'fazes cada uma?', 'fazes das boas?', 'fazes uns olhos?', 'dás uma para a caixa?', etc.. Vejamos o seguinte exemplo:

(5) ele faz cada uma!

(5.1) \*ele faz cada uma?

A interrogativa total (5.1) resulta agramatical, uma vez que integra uma expressão que corresponde a uma forma cristalizada com valor assertivo-exclamativo. No sentido estrito do termo, a asserção implica que o enunciador afecte o enunciado de uma certeza, positiva ou negativa; é o que acontece em (5) ele faz cada uma!, cujo contorno melódico dá conta de um outro valor, de alto-grau, a que é levada a asserção quando ligada à forma exclamativa.

A incompatibilidade deste tipo de construções com a forma interrogativa resulta do facto de, citando Campos (1998), *na interrogação, o interior e o exterior do domínio nocional serem construídos como complementares que se excluem em alternativa (ainda que a decisão sobre qual é a parte excluída só tenha lugar com a resposta à interrogação)*, não havendo escolha e exclusão de qualquer dos constituintes do domínio nocional.

Mas na modalização de (5), são marcados valores (asserção e exclamação) que permanecem na expressão fixa.

Quando (5) é afectado de um valor modal interrogativo, resulta portanto agramatical, uma vez que sobre a mesma relação predicativa não podem coocorrer a escolha ou exclusão de um dos constituintes do domínio nocional (I ou E- característica da asserção) e, concomitantemente, os mesmos valores com recuperação dos seus complementares (I e E- característica da forma interrogativa que permite os dois valores).

Em relação ao funcionamento compacto apresentado por *fazer* em (5), devemos referir, fundamentando-nos em Correia (2002) e Correia & Campos (2003), que só aparentemente é construída uma ocorrência discreta, num processo de singularização marcado pelo determinante indefinido. Assim, *uma funciona como um pseudo-discretizador que não é marcador de quantidade* (Correia, 2002), mas de qualidade. A impossibilidade de pluralização (como ocorreria no caso de um funcionamento discreto), reforça a predicação, sobre essa falsa ocorrência discreta, de uma nova propriedade, que a diferencia qualitativamente em relação a outras ocorrências da mesma noção. O emprego de 'cada' localiza topologicamente o acontecimento linguístico numa sequência com iteratividade, mas o valor de *uma*, por reenviar a ocorrência à noção, localiza-a, nocionalmente e de cada vez, no centro atrator de todas as ocorrências imagináveis, construindo-se assim, um valor de alto grau que diferencialmente distingue cada ocorrência de toda e qualquer outra.

Tomemos agora o seguinte conjunto derivado da forma fixa '(não) dar uma para a caixa':

(6) \*ele dá uma para a caixa?

(6.1) ele não dá uma para a caixa, pois não?

'(Não) dar uma para a caixa' ocorre em contextos de valor negativo. Nesta expressão fixa existe a obrigatoriedade de uma singularização do determinante à direita de 'neg dar' e quer do ponto de vista quantitativo, quer qualitativo, corresponde a uma forma cristalizada com valor assertivo negativo. A incompatibilidade entre o valor modal interrogativo e o valor assertivo fixado nesta construção, explica, como vimos anteriormente, a agramaticalidade de (6). Mas (6.1) obedece a regras de boa formação dada a sua compatibilidade com o valor de pedido de confirmação que caracteriza a interrogativa. O exemplo (6.1) é decomponível em duas partes: na primeira é construído o valor modal assertivo e na segunda parte, que é a parte interrogativa, é retomado esse valor modal como um pré-construído, sendo pedida a sua confirmação. Trata-se, de facto, de um pedido de confirmação do próprio valor assertivo pré-construído.

Os exemplos seguintes derivam da expressão fixa 'fazer ondas':

(7) \*ele faz ondas?

(7.1) ele pensa que comigo faz ondas?

Adoptando a explicação de Campos e Correia (2003) para o exemplo 'fazer farinha', também a expressão 'fazer ondas' só ocorre em contextos de polaridade negativa, mesmo que a negativa não seja enunciativamente realizada. Nesta construção existe a obrigatoriedade de uma pluralização do N à direita de 'neg fazer'. Prosseguindo o estudo de Campos e Correia (2003), *A marcação linguística do complementar da noção (A/A')*, obriga a que o enunciador se situe obrigatoriamente no Exterior do domínio definido pela noção, neste caso, /fazer ondas/. Esta mudança de localização em relação à noção imprime uma recategorização da situação. Se 'fazer ondas' pode ser entendido como uma

actividade – ‘ela faz ondas no cabelo’, já ‘neg fazer ondas’ (com o sentido de ‘não fazer distúrbios’, ‘não fazer traquinices’), constrói um novo valor, com propriedades semânticas específicas e invariáveis.

Ora, sabendo que o valor assertivo fixo da construção não pode ocorrer com o valor interrogativo, o que explica a má formação de (7) \*ele faz ondas?, como explicar a boa formação de

(7.1) ele pensa que comigo faz ondas?

O que sobressai em (7.1) é o valor retórico, cujas operações subjacentes reforçam a mudança de localização em relação à noção imprimida pela expressão fixa ‘fazer das boas’. Borillo (1981), entre outros, chama a atenção para uma característica da interrogação retórica: se a interrogativa retórica é negativa, tem valor de asserção positiva, e se é positiva, tem valor de asserção negativa. Ao coenunciador é bloqueada a possibilidade de resposta. O enunciador põe em questão a validação da relação predicativa subordinada - a posição e I – atribuindo esta posição ao sujeito sintáctico (ele pensa...). Decorrentemente, constrói a não validação da relação predicativa (a posição em E), incidindo o valor retórico sobre *pensar*. Temos assim a saída do domínio de validação pela construção do seu Exterior. Assim, (7.1) poderá ser glosado como ‘ele que não pense que comigo faz ondas’.

Correspondendo a interrogativa retórica a uma asserção, explica-se a sua compatibilidade e mesmo reforço de uma construção fixa com polaridade negativa, como este exemplo é.

Finalizo este estudo, referindo que o mesmo, circunscrito ao espaço adequado a uma comunicação, se não poderá caracterizar pela exaustividade. Insere-se num trabalho mais vasto, integrado num dos projectos científicos do Centro de Linguística da UNL, orientados por Henriqueta Costa Campos e Clara Nunes Correia.

Procurei, no entanto, que o estudo dos exemplos aqui trazidos fosse significativamente representativo de algumas das operações e valores que caracterizam os verbos *dar/fazer*, em enunciados interrogativos, justificando-se assim o título desta comunicação.

## Referências

- Campos, M.H.C. (1998) *Dever e Poder - um subsistema modal do português*. Lisboa: F. C. Gulbenkian.
- Campos, M.H.C. (1999) São as representações cognitivas primitivas ou construídas? In *Revista Portuguesa de Humanidades*. Vol. III. Braga: Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, pp. 11-23.
- Campos, M.H.C. (2001) Enunciação mediatizada e operações cognitivas. In *Linguagem e Cognição - A Perspectiva da Linguística Cognitiva*. Braga: APL e UCP-Faculdade de Filosofia, pp. 325-340.
- Correia & Campos (2003) Construções com dar/fazer SN em português europeu. In *Anais do III Congresso Internacional da ABRALIN*. Rio de Janeiro: ABRALIN. (no prelo).
- Correia (2002) *Estudos de Determinação - a operação de quantificação-qualificação em sintagmas nominais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Culioli, A. (1999) *Pour une linguistique de l'énonciation*, Tome III. Paris: Ophrys.
- Franckel, J.-J. (2002) Introduction. In *Langue Française 133*. pp. 3-15.